

URGÊNCIA HISTÓRICA DO DISPOSITIVO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: MAPEANDO ALGUMAS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE PARA O APARECIMENTO DO CAMPO DE SABER AMBIENTAL

Bárbara Hees **Garré** – IFSUL Campus Pelotas/RS

Paula Corrêa **Henning** – FURG/RS

Agência Financiadora: Programa Observatório da Educação CAPES/INEP e CNPQ

Resumo

O trabalho aqui apresentado refere-se a um recorte de tese de doutoramento, que teve como propósito analisar a fabricação e a potencialização do dispositivo da Educação Ambiental na revista *Veja*, no período compreendido entre 2001 e 2012. O texto coloca em discussão o que se entende como algumas condições de possibilidade para a emergência do campo ambiental no final do século XX e começo do século XXI. A discussão proposta se dá na interlocução potente entre o dispositivo da Educação Ambiental e os estudos da mídia, entendida como importante artefato cultural que vem produzindo formas de existir e viver no mundo contemporâneo. Trabalha-se com o conceito de dispositivo a partir dos estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Entende-se que os processos de subjetivação, produzidos pelo dispositivo da EA, constituem-se como eixo importante em tal trama discursiva. No dispositivo da EA há uma certa objetivação de sujeitos que se dá através de ensinamentos quanto às condutas e comportamentos adequados em relação às necessidades ambientais. O trabalho se dedica a discutir sobre uma das características do dispositivo: o aparecimento do campo ambiental como uma urgência histórica.

Palavras-chave: Educação Ambiental; dispositivo; revista *Veja*; urgência histórica.

URGÊNCIA HISTÓRICA DO DISPOSITIVO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: MAPEANDO ALGUMAS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE PARA O APARECIMENTO DO CAMPO DE SABER AMBIENTAL

Introdução

O trabalho em questão refere-se a um recorte de tese de doutoramento, que teve como propósito analisar a fabricação e a potencialização do dispositivo da Educação

Ambiental na revista *Veja*, no período compreendido entre 2001 e 2012. Aqui colocaremos em discussão o que entendemos como algumas condições de possibilidade para a emergência do campo ambiental no final do século XX e começo do século XXI. No trabalho de tese, defendemos que a EA se fabrica como um dispositivo potente na atualidade, a partir de um conjunto de elementos que se engendram para sua composição.

Importante destacar que o conceito de dispositivo com o qual operamos é tomado emprestado do filósofo francês Michel Foucault. Desse modo, entendemos o dispositivo como uma rede discursiva múltipla e complexa que se fabrica a partir de diferentes elementos. Tal rede engloba tanto o discursivo quanto o não discursivo.

Quanto à mídia, pensando no modo como ela aborda a questão ambiental, é possível dizer que ela vem nos ensinando e nos formando para tais questões. Assim, a tomamos como uma Pedagogia Cultural, já que é através dela que nos informamos e aprendemos sobre muitas questões de nossa vida. Outrossim, tal pedagogia nos instrui a respeito de formas de pensar, agir e interagir na sociedade, através de certos padrões culturais e, dessa forma, participa ativamente na produção de nossas subjetividades.

O trabalho de tese em questão olha para as reportagens da revista *Veja – corpus* empírico da pesquisa – como importantes artefatos culturais, que também constituem os modos pelos quais olhamos e lemos a questão ambiental. Não há como separar nossas percepções e entendimentos daquilo que, de alguma forma, nos atravessa, nos interpela e nos constitui enquanto sujeitos. Tomar a mídia e, em especial, a revista *Veja*, como lugar de aprendizagem, se constitui como importante eixo deste trabalho. Pensamos que os artefatos midiáticos nos ensinam a agir e nos relacionarmos com o meio ambiente e, dessa forma, vamos produzindo significados e entendimentos acerca dessas questões. E, talvez valha pensar sobre o modo como estamos nos constituindo enquanto sujeitos a partir de tais aprendizagens.

Vale destacar, ainda, que a mídia, e nos referimos à revista *Veja*, não enuncia seus ditos como “Educação Ambiental”, entretanto os tomamos como uma rede discursiva sobre a Educação Ambiental, porque entendemos os artefatos midiáticos como Pedagogias Culturais, que nos ensinam e nos formam constantemente. Conseqüentemente, os ditos da revista que se referem às questões ambientais tratam de uma maneira específica quanto aos ensinamentos do ambiental. Assim, consideramos que a Educação Ambiental vem sendo enunciada e visibilizada na revista *Veja* e que haja uma rede de discursos, enunciados, leis e proposições que se fabrica.

Ao aceitarmos esses ensinamentos quanto às questões ambientais, estamos sendo produzidos pelos ditos que nos interpelam, mas também, ao nos constituirmos desse modo, interferimos nos processos e construções sobre o que é o meio ambiente, por exemplo. Assim, fazemos parte dessas construções, estamos imersos nesse emaranhado de discursos, práticas, estratégias, mas podemos fazer algumas escolhas e travar batalhas, como bem diz Guimarães.

[...] Alio a essa consideração a suposição de que a cultura, através das práticas derivadas dos inúmeros artefatos (os filmes, os vídeos educativos, as revistas, as histórias em quadrinhos, os livros didáticos, os romances, as novelas televisivas, os documentos históricos, os relatos de viagem, entre inúmeros outros) produzidos em diferentes instâncias de produção cultural, é o *locus* central das disputas e negociações dos significados dados à natureza e, também, às possíveis formas de estabelecermos relações com ela (GUIMARÃES, 2007, p. 241) [grifo do autor].

Assim como Guimarães, entendemos que os ditos da revista *Veja* que tratam da temática ambiental nos ensinam algumas verdades sobre o meio ambiente e a natureza. Estas são construídas e legitimadas nas relações de força postas em funcionamento através da interpelação midiática. Segundo Gomes (2003), o que está na mídia se torna realidade, pois não há como negar a força e a produtividade deste meio no nosso cotidiano e a forma intensa como faz parte de nossas vidas. Então, vamos participando dessa construção, aceitando ou recusando os ensinamentos que ela nos propõe, mas que, de alguma forma, nos interpelam. Aqui olhamos para os movimentos colocados em operação pela revista *Veja* e entendemos que são uma forma de governar nossas condutas e de nos ensinar mais sobre a questão ambiental.

A forma como olhamos a questão ambiental, a natureza e a própria crise ambiental não está isenta da interpelação midiática e dos atravessamentos culturais. Somos ensinados a ler a natureza de determinadas formas e, a partir desses ensinamentos, estabelecemos uma relação com ela. Não somos obrigados a agir de uma maneira específica, mas a cultura que nos constitui nos produz enquanto sujeitos desse tempo, marcados pela preocupação com a crise ambiental que se instala na atualidade. Assim, tomarmos um posicionamento frente a tal crise está intimamente relacionado ao modo como somos constituídos culturalmente. Nessa perspectiva é que tomamos a revista *Veja* como uma Pedagogia cultural, que nos produz, bem como as nossas vidas, mas a qual também produzimos e damos sentidos.

Desse modo, entendemos a potência discursiva da revista e o quanto ela é produtora de subjetividades e sentidos. Essa potência se dá tanto pela capacidade de sentidos de seus ditos atravessados, que são por questões de classe, cultura, etnia,

gênero, religião, quanto por sua presença nos mais diferentes espaços, constituindo e produzindo, afirmando ou negando determinadas identidades, determinados gestos, determinadas posturas.

Os artefatos culturais, aqui, em especial, a revista *Veja*, nos ensinam a olhar e a compreender o ambiental de determinada forma e, desse modo, vamos produzindo significados e entendimentos acerca da questão. As enunciações do material de análise que tratam da temática ambiental nos ensinam algumas verdades sobre o meio ambiente e a natureza. Essas veracidades são construídas e legitimadas nas relações de força colocadas em funcionamento, através da interpelação de diferentes artefatos culturais. Na esteira de Guattari (1990, 1992), assumimos a ideia de que esses instrumentos auxiliam, decisivamente, na fabricação de nossas subjetividades.

Sendo assim, a revista *Veja* – apenas um exemplo dos inúmeros artefatos culturais que circulam no nosso cotidiano – auxilia na fabricação de modos de vida, nos valores e atitudes que assumimos e tomamos como necessários no tempo atual. Por este motivo, interessou-nos olhar para ela e entender como vem sendo narrada a Educação Ambiental nessa potente ferramenta pedagógica, que atravessa nossas vidas.

Nesse trabalho não olhamos para a mídia como boa ou ruim, como manipuladora de nossas ações. A tomamos como importante estratégia para circulação de diferentes aprendizagens, que se tornam produtivas em nossas vidas. Ela não opera sozinha, pois fazemos parte desse jogo, escolhendo aceitar ou não o convite. Aqui olhamos para a produtividade dos artefatos culturais, especialmente a revista *Veja*, como Pedagogias Culturais que operam para ações ambientalmente “corretas”. Nessa correnteza, as reportagens de capa da revista constituem-se como significativas formas de aprendizagem acerca da questão ambiental, nos ensinando como agir frente à crise, as relações que devemos estabelecer com o mundo natural e o modo como devemos nos constituir enquanto sujeitos ambientalmente responsáveis pelo Planeta em que vivemos.

Conceituando Dispositivo: atravessamentos ao campo de saber ambiental

Tomamos o conceito de Dispositivo a partir dos estudos de Foucault (1985, 1990, 2006) e Gilles Deleuze (1999, 2005a, 2005b). Entendemos que os processos de subjetivação, produzidos pelo dispositivo da Educação Ambiental, constituem-se como eixo importante em tal trama discursiva. No dispositivo da EA há uma certa objetivação de sujeitos que se dá através de ensinamentos quanto às condutas e comportamentos adequados em relação às necessidades ambientais. A todo momento, os sujeitos são

acionados, acessados nas malhas desse dispositivo, sendo convidados ou convocados a se inserirem num processo de mudança, de transformação de atitudes, que repercutam positivamente a favor da vida do Planeta. O sujeito é, frequentemente, agenciado no dispositivo da EA. Este atua, incisivamente, na formação e constituição do sujeito, especialmente o *sujeito ecologicamente correto*.

Governar condutas e estabelecer o pleno funcionamento da produção são estratégias elementares para manter a perspectiva neoliberal globalizada, e as revistas funcionam como dispositivos produtivos que operam com o objetivo de ensinar, sugerir como os indivíduos devem se comportar, o que devem aprender, onde e para quê (GERZSON, 2009, p. 152).

De acordo com Deleuze (1999), podemos compreender o dispositivo como um *conjunto multilinear*, composto por linhas de diferentes naturezas. Essas linhas apresentam diferenças em relação a suas dimensões e articulam-se aos três grandes eixos de estudos da obra foucaultiana – saber, poder e subjetivação. As linhas apresentadas por Deleuze a partir dos estudos de Foucault, embora tenham suas características próprias, não seguem uma direção única e estável. Elas estão sempre em desequilíbrio, por vezes afastam-se, por vezes se aproximam umas das outras e, também, se cruzam, se atravessam para que o dispositivo ganhe força.

Aqui retomamos brevemente as características de cada uma destas linhas, propostas por Deleuze na constituição de um dispositivo. Existem linhas de sedimentação e de fratura. Operar com tais linhas seria “construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas” (DELEUZE, 2005b, p. 84). O autor destaca, ainda, que elas são importantes não só porque compõem o dispositivo, mas porque o atravessam e o conduzem em todas as direções.

As primeiras linhas destacadas são as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação. As curvas de visibilidade podem variar, mas dizem respeito à determinada forma pela qual um objeto se tornou visível. Desse modo, para cada dispositivo, há um determinado *regime de luz* que torna possível o seu aparecimento. Para Deleuze (2005b), existe uma historicidade dos dispositivos que é tanto dos regimes de luz quanto dos regimes de enunciado. Portanto, as linhas ou curvas de enunciação remetem a determinado enunciado, tornando-o dizível, enunciável, nomeável. Um dispositivo só tem suas condições de emergência através de sua enunciabilidade e de sua visibilidade.

E, se as curvas são elas próprias enunciadas, é porque as enunciações são curvas que distribuem variáveis, e, assim, uma ciência, num dado momento, ou um gênero literário, ou um estado de direito, ou um movimento social, são definidos precisamente pelos regimes de enunciados a que dão origem. Não são nem sujeitos nem objetos, mas regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com as suas derivações, as suas transformações, as

suas mutações. E em cada dispositivo as linhas atravessam limiares em função dos quais são estéticas, científicas, políticas, etc (DELEUZE, 2005b, p. 85).

Aqui é possível perceber uma forte articulação com o primeiro eixo da obra foucaultiana, a constituição de um campo de saber. As linhas de visibilidade e os regimes de enunciação de um dispositivo tornam possível a produção de um determinado domínio de saber e não outro em seu lugar. Por esse motivo, o dispositivo tem uma historicidade, pois ele só emerge como dispositivo porque é uma máquina de ver e de falar, que tem suas condições de aparecimento. Assim, este só se fabrica enquanto dispositivo por seu caráter histórico, porque “em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1990, p. 84).

E, ao olhar a terceira linha destacada por Deleuze, é possível compreender o quanto as linhas do dispositivo são maleáveis, flexíveis e se complementam. Pois são as linhas de forças que atravessam as linhas de visibilidade e as linhas de enunciação de um ponto ao outro, tornando-as visíveis e dizíveis. São as batalhas e disputas operacionalizadas para a constituição de um determinado objeto discursivo e não outro. Eis, então, que é possível pensar no segundo eixo estudado por Foucault – o poder. Compreendemos que as linhas de força aproximam-se das relações de poder. Então, linhas de visibilidade, de enunciabilidade e de força estão numa relação de combinação tanto quanto os eixos do poder e do saber estão articulados e se fortalecem continuamente.

E, no dispositivo da Educação Ambiental, percebemos que essas linhas estão em movimento a todo o instante. Nas estratégias discursivas colocadas em funcionamento pela mídia, mais especificamente pela revista *Veja*, é perceptível o quanto vai se constituindo um determinado modo de ver e de falar sobre o ambiental. E, mais do que isso, ao dar visibilidade e enunciabilidade para a questão ambiental, a *Veja*, nos ensina, nos forma e nos constitui, enquanto sujeitos que precisam atender às exigências ambientais do tempo atual. E, nesse jogo de forças e disputas, somos persuadidos, convocados e constituídos por tais ditos, que atuam incisivamente sobre nossas ações e comportamentos. Linhas de enunciabilidade e linhas de visibilidade operadas por linhas de força, que não cessam de nos subjetivar nas malhas do dispositivo da EA.

As linhas de subjetivação são, então, atreladas ao terceiro eixo foucaultiano, aquele a que ele se dedicou nos últimos anos de sua vida e deixou algumas obras

inacabadas. As linhas de subjetivação são aquelas que operam com a dimensão do “Si Próprio” e, desse modo, constituem-se num processo complexo de captura dos sujeitos, pois é aqui que há a possibilidade de escape. Num dispositivo, elas precisam, constantemente, se refazer para atender e capturar novamente as subjetividades nas tramas do dispositivo. São essas linhas que abrem a possibilidade da fuga, do escape, que acabam por engendrar novas configurações aos dispositivos e, até mesmo, no seu extremo limite, possibilitando a passagem de um dispositivo para o outro. Assim, “É um estudo que tem muitas misturas para desvendar: produções de subjectividade que saem dos poderes e dos saberes de um dispositivo para se reinvestir noutro, sob outras formas que hão de nascer” (DELEUZE, 2005b, p. 88).

Assim, segundo Deleuze, esse *conjunto multilinear* – modo pelo qual ele caracteriza o dispositivo – é composto por diferentes linhas: de visibilidade, de enunciação, de força e de subjetivação. Elas se cruzam, se atravessam, se chocam, se reverberam e se fortalecem, estando em constante processo de transformação e reconfiguração. Considerando a capacidade operatória e multilinear do dispositivo, é necessário atentar para o que o autor nomeia de “filosofia dos dispositivos”.

Primeiramente, há, na filosofia dos dispositivos, uma recusa aos universais. Aqui, não existe uma totalidade, um sujeito universal ou sujeito da razão. As próprias linhas do dispositivo são provisórias, maleáveis e se readaptam, conforme as relações de exterioridade. Desse modo, cada dispositivo, passa por uma variação e tem uma multiplicidade própria, a qual não pode, simplesmente, ser transferida para outro, embora os dispositivos funcionem numa relação de sustentação com outros dispositivos contemporâneos. Deleuze destaca “Mas, o que ele essencialmente recusa é a identificação destes processos numa Razão por excelência. Foucault recusa toda a restauração de universais de reflexão, de comunicação, de consenso” (2005b, p. 90). E, no dispositivo da EA, qual a possibilidade de recusa ao sujeito *ecologicamente correto*?

Deleuze aponta, ainda, que, na filosofia dos dispositivos, torna-se necessária “uma mudança de orientação, que se desvie do Eterno para apreender o novo” (2005b, p. 91). Este novo não está vinculado à ideia de originalidade, mas se atrela ao sentido de criatividade e de novidade, provocando a atualização constante de um dispositivo.

Pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que o precedem chamamos actualidade do dispositivo, a nossa actualidade. O novo é o actual. O actual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer o Outro, o nosso devir-outro. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que

somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história a parte do actual (DELEUZE, 2005b, p. 92 – 93) [grifo do autor].

Sobre o citado por Deleuze, é produtivo pensarmos tanto no sentido da história daquilo que somos, das condições de possibilidade, que tornaram possíveis que hoje nos constituíssemos de determinado modo e não de outro; como, também, é extremamente potente entendermos os modos de subjetivação que estão nos fabricando na atualidade, olhando e entendendo os engendramentos que se agenciam no presente.

Para compreender a fabricação de um dispositivo, é necessário que olhemos para a suas condições de emergência, enquanto um domínio de saber a ser produzido e instituído. É preciso entender as relações de força colocadas em embate para que um dispositivo ganhe potência e legitimação, entrando na ordem do discurso verdadeiro e se consolidando. E, se faz extremamente potente perceber de que modo os sujeitos são controlados, conduzidos e subjetivados por um dispositivo.

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 1990, p. 246).

Desse modo, entendemos que é produtivo pensarmos em tais estratégias de relações de forças e nas configurações de saber que se produzem e que produzem o dispositivo da EA. Assim, discutiremos a seguir algumas condições de possibilidade para o aparecimento da campo ambiental como uma urgência histórica, característica fundamental na constituição de um dispositivo.

Articulando contornos do dispositivo: Urgência Histórica da EA

Temos como objetivo nesta subseção argumentar quanto à urgência histórica do dispositivo da Educação Ambiental. Para tanto, buscamos retomar alguns elementos que, relacionados entre si, são fundamentais para compreender as condições de possibilidade que favoreceram a existência da EA. Foucault (1990) destaca que uma das principais funções de um dispositivo é responder a uma urgência. E, é na tentativa de responder que urgência é essa do dispositivo da EA que discorreremos logo a seguir.

Michel Foucault, ao falar sobre a função estratégica dominante do dispositivo, refere-se à necessidade de responder a uma urgência histórica. Considerando tal necessidade, buscamos compreender as condições contextuais que possibilitaram que o campo ambiental se constituísse enquanto campo de saber. Além disso, procuramos entender de que modo a EA foi se fabricando enquanto um dispositivo potente no

século XXI. Eis, então, que outra inquietação se atrela: Quais as condições de emergência desse dispositivo na atualidade? Entendemos que haja uma urgência histórica do dispositivo da EA e que seja preciso compreender “não o momento de sua estrutura formal e de suas leis de construção, mas o de sua existência e das regras de seu aparecimento” (FOUCAULT, 2002, p. 34).

Na tentativa de responder a tal indagação – quais as condições de emergência do dispositivo da EA na atualidade – primeiramente retomamos alguns desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, evidenciando articulações que nos fazem entender este acontecimento como uma das condições de possibilidade para o aparecimento da EA enquanto uma urgência histórica alguns anos após a Guerra. Logo em seguida, trabalhamos com algumas condições de possibilidade que potencializam a proliferação da EA, entre elas a mensagem proferida pelo Papa João Paulo II em 1º de Janeiro de 1990 e o documento Carta da Terra, concluído e divulgado no ano de 2000.

É relevante destacar que estamos partindo do próprio entendimento foucaultiano de história, nesse sentido não buscamos reconstruir uma história linear da EA. O que pretendemos é vasculhar na trama discursiva que produziu e que produz a EA o modo como ela foi sendo constituída. Entendemos que essa história é feita de atravessamentos, de rachaduras, de curvas, de idas e vindas, ela é uma história sinuosa. O que procuramos, então, são pistas, brechas, clarões ou apagões que nos permitam articular alguns elementos importantes que se relacionem à EA com toda a sua potência no final do século XX e começo do século XXI.

A história “efetiva”, em contrapartida, lança seus olhares ao que está próximo: o corpo, o sistema nervoso, os alimentos e a digestão, as energias; ela perscruta as decadências; e se afronta outras épocas é com a suspeita – não rancorosa, mas alegre – de uma agitação bárbara e inconfessável. Ela não teme olhar embaixo. Mas olha do alto, mergulhando para apreender as perspectivas, desdobrar as dispersões e as diferenças, deixar a cada coisa sua medida e sua intensidade. Seu movimento é o inverso daquele que os historiadores operam sub-repticiamente: eles fingem olhar para o mais longe de si mesmos, mas de maneira baixa, rastejando, eles se aproximam deste longínquo prometedor (no que eles são como os metafísicos que vêem, bem acima do mundo, um além apenas para prometé-lo a si mesmos a título de recompensa); a história “efetiva” olha para o mais próximo, mas para dele se separar bruscamente e se apoderar à distância (olhar semelhante ao do médico que mergulha para diagnosticar e dizer a diferença) (FOUCAULT, 1990, p. 29) [grifos do autor].

Dessa maneira, o conceito de história tomado emprestado de Foucault é aquele que olha para o passado não para reconstituí-lo, mas para entender as condições que tornaram possíveis a existência e o aparecimento de determinado objeto discursivo ou campo de saber. Nesse sentido, a análise histórica não é um retorno ao ponto de origem.

É, isto sim, uma análise que leva em consideração os movimentos de descontinuidade, de irrupção, de transformação.

Considerando o conceito de história em Foucault, a empreitada, aqui, se refere a olhar os atravessamentos históricos e a própria condição de emergência da EA para compreender o que a torna visível e enunciável na atualidade. Afinal, a EA instaurou-se como campo ou domínio a ser conhecido a partir de certas práticas e relações de poder e estas a tornaram alvo de um saber e de determinados procedimentos discursivos. Então, que condições de emergência fabricaram e instituíram o dispositivo da EA como urgência neste século?

Há, sem dúvida, uma emergência da EA, que se atrela a uma concepção de crise do Planeta. O próprio campo de saber da EA foi se produzindo a partir de tal entendimento e com o objetivo de concentrar os esforços na educação dos futuros cidadãos. A possibilidade de uma EA como a salvação e a redenção foi e parece ainda ser uma das fortes bandeiras para o enfrentamento da crise ambiental.

Entretanto, é necessário um olhar mais atento ao entendimento de crise que se atribui no campo ambiental. Quais as condições de possibilidade que nos permitem dizer que vivemos uma crise ambiental? A EA se consolida num contexto emblemático, no qual as relações estabelecidas com o ambiente são, na grande maioria das vezes, da ordem da crise, do caos, da desordem, da destruição e da poluição. Sua implementação, no Brasil, se dá justamente como necessidade reguladora e formadora de comportamentos e de atitudes dos indivíduos em relação ao meio ambiente e à natureza. A EA se legitima enquanto campo de saber a partir de um regime discursivo pautado pela crise planetária e ecológica. Pensar na EA se atrela a pensar nos modos de ensinar e educar os sujeitos a ter determinados comportamentos e práticas para esse momento histórico.

De acordo com Eric Hobsbawm (2014), historiador egípcio, em sua obra “Era dos Extremos”, o século XX ao mesmo tempo em que deixa um legado, edifica-se a partir de catástrofes, crises e incertezas. O autor faz uma divisão do século XX em três grandes momentos: a era da catástrofe; a era de ouro e o desmoronamento. Na primeira, discorre de maneira articulada sobre os acontecimentos bélicos ocorridos na Europa. Na segunda parte de sua obra, narra as circunstâncias históricas e sociais, desde a Guerra fria até o “socialismo real”. Na última parte, dedica-se a falar sobre “As décadas de crise”, que estariam situadas entre 1973 e 1993. O autor nos brinda com uma reflexão histórica interessante, pois traz para a discussão os movimentos que transformaram a

história ocidental no século XX e, dessa maneira, nos informa a respeito dos flagelos sofridos pela humanidade, sendo testemunha do tamanho da catástrofe do referido século. Foi um período marcado por mortandades gigantescas, sem equiparação possível com qualquer período histórico anterior. Segundo Hobsbawm, “A História dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise” (2014, p. 393).

Hobsbawm argumenta sobre o processo de globalização ocorrido no século XX e nos convida a pensar nas modificações produzidas em nossas vidas a partir de tal processo. Afirma, também, que a tecnologia chega aos locais de mais difícil acesso, no intuito de que ninguém fique de fora. A ciência se proliferou de tal modo, no século XX, que segundo ele, até mesmo as religiões não ficaram em situação oposta. “Tornou-se mais difícil o conflito entre ciência e escritura sagrada numa era em que o Vaticano se viu obrigado a comunicar-se por satélite e testar a autenticidade do sudário de Turim por datação de rádio-carbono” (2014, p.511). Após a explosão da primeira bomba nuclear, em 1945, ocorreram mudanças no mundo e no modo como olhamos para ele.

Posteriormente à Segunda Guerra Mundial, na qual foi utilizada pela primeira vez na história uma bomba nuclear, o medo do avanço científico, e da utilização de bombas atômicas se intensificou no mundo. O pesadelo da possibilidade de uma guerra nuclear assombrou parte deste século e a ciência cada vez mais ganhava sua onipotência, pois não se podia saber ao certo os “limites” do conhecimento científico, se é que existiam e existem limites para ele. Parece que, após a explosão da primeira bomba, instigou-se a produção de pesquisas nesse sentido, e esse interesse confirmou-se pela popularização da ficção científica nesse período.

Na década de 70, mais especificamente em 1973, ocorre uma descoberta de dois químicos, que incita o questionamento quanto aos impactos provocados no Planeta pelas ações da ciência e da tecnologia. Essa descoberta refere-se ao dano causado na camada de ozônio pelo uso dos fluoro-carbonos. Segundo o estudo, esse uso só poderia ter sido notado a partir dos anos de 1950, já que, anteriormente, a liberação desses produtos na atmosfera ocorria numa escala muito menor. Com esse fato, as pessoas inquietam-se com os rumos da ciência e da tecnologia.

O que estava em causa agora não era a busca da verdade, mas a impossibilidade de separá-la de suas condições e conseqüências. Ao mesmo tempo, o debate era essencialmente entre pessimistas e otimistas em relação à raça humana. Pois a crença básica dos que pensavam em restrições e autolimitações à pesquisa científica era que a humanidade, como hoje organizada, não era capaz de lidar com os seus poderes de transformação da

Terra, ou mesmo de reconhecer os riscos que corria. Pois mesmo os feiticeiros que resistiam a toda limitação em suas pesquisas não confiavam em seus aprendizes (HOBSBAWM, 2014, p. 535).

É possível compreender que reside uma urgência histórica do dispositivo da Educação Ambiental: a descoberta dos danos causados pela liberação de fluorocarbonos. Essa descoberta provoca uma ruptura no modo pelo qual a ciência vinha sendo legitimada, pois, a partir daí, passa-se a pensar também nos impactos produzidos por esse conhecimento científico, que podem reverberar em consequências para o Planeta e certamente para os indivíduos que nele habitam.

Pensar no efeito estufa, no aquecimento global e tantas outras degradações ambientais que vêm sendo realizadas e intensificadas, principalmente após o 1945, se faz cada vez mais urgente e necessário. Por este motivo, a instituição da EA parece ser uma alternativa produtiva para auxiliar no controle e gestão dos comportamentos individuais e das populações.

O dispositivo da EA ganha suas condições de existência a partir do momento em que é preciso criar todo um conjunto de regras, de normas, de saberes e de práticas que possam ser gerenciadas e controladas. Surgem, por consequência, vários movimentos nas décadas de 70, que irão desencadear na necessidade de uma regulamentação da EA. Entretanto, sua potência se dá um pouco mais tarde, nas décadas seguintes. E, trazemos para discussão duas condições de possibilidade que caracterizam a proliferação do dispositivo da EA, no final do século XX, e começo do século XXI. São elas: a mensagem proferida pelo Papa João Paulo II em 1990, falando da crise ambiental e o documento Carta da Terra de 2000.

Destacamos dois trechos da mensagem do Papa, proferida em 1º de janeiro de 1990 para a celebração do XXIII dia Mundial da Paz.

O gradual esgotamento do estrato do ozônio e o conseqüente « **efeito de estufa** » que ele provoca **já atingiram dimensões críticas**, por causa da crescente difusão das indústrias, das grandes concentrações urbanas e dos consumos de energia. Escórias industriais, gases produzidos pela combustão de carburantes fósseis, deflorestação imoderada, uso de alguns tipos de herbicidas, refrigerantes e propelentes, **tudo isto, como se sabe, é nocivo para a atmosfera e para o ambiente**. Daí resultam múltiplas mudanças meteorológicas e atmosféricas, cujos efeitos vão desde o prejuízo para a saúde até à possível submersão, no futuro, de terras baixas (João Paulo II) [grifos nossos].

Há uma **necessidade urgente**, pois, **de educação para a responsabilidade ecológica**: responsabilidade em relação a si próprio, responsabilidade em relação aos outros e responsabilidade em relação ao ambiente. [...] **A educação autêntica para a responsabilidade implica uma verdadeira conversão na maneira de pensar e no comportamento**. E quanto a isso, as Igrejas e as outras Instituições religiosas, os Organismos governativos e não-

governativos, como também todos os componentes da sociedade têm um papel bem determinado a desempenhar. A primeira educadora, no entanto, permanece a família, na qual as crianças aprendem a respeitar o próximo e a amar a natureza (João Paulo II). [grifos nossos].

No primeiro excerto chama a atenção a preocupação com o efeito estufa e a ênfase em torno do quanto as ações do homem estão causando danos ao meio ambiente. No segundo excerto há uma convocação para a necessidade de uma educação voltada para a responsabilidade ecológica e para a conformação dos comportamentos. Assim, como em outras passagens da mensagem, estes trechos instauram um determinado modo de falar sobre a questão ambiental, situando-a como uma crise, um problema que deve ser assumido por todos. Dessa maneira, nenhum cidadão ou nenhum “irmão” pode ficar indiferente à situação. É emblemático o cruzamento que ocorre entre os dogmas da Igreja e o conhecimento da ciência, como destaca Hobsbawn (2014). Se, no século XIX, ciência e religião eram antagônicas, parece que para os séculos XX e XXI elas funcionam em conjunto, se apoiam em determinadas tramas discursivas, principalmente quando se trata da questão ambiental, é possível falar de ciência e fé.

Logo a seguir apresentamos alguns trechos do documento Carta da Terra, que tem o objetivo de constituir-se como uma declaração de princípios para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Esta mensagem foi escrita durante toda a década de 90 e seu início foi desencadeado pelas Nações Unidas, porém quem deu continuidade ao projeto foi a sociedade civil de um modo geral. No ano de 2000, uma comissão internacional independente concluiu e divulgou o documento como Carta dos Povos. Mais de 4.550 organizações contribuíram no processo de elaboração da Carta.

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. **São necessárias mudanças fundamentais em nossos valores, instituições e modos de vida.** Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem supridas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais e não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos no meio ambiente. [...] Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados e juntos podemos forjar soluções inclusivas (Carta da Terra, 2000, p. 1) [grifos nossos].

[...] Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, interdependentes, visando a **um modo de vida sustentável** como padrão comum, através dos quais a **conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos e instituições transnacionais será dirigida e avaliada** (Carta da Terra, 2000, p. 2) [grifos nossos].

Princípios [...]

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

- a. **Reduzir, reutilizar e reciclar** materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.
- b. Atuar com moderação e eficiência no uso de energia e contar cada vez mais com **fontes energéticas renováveis, como a energia solar e do vento.**
- c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais seguras.
- d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e **habilitar os consumidores a identificar produtos que satisfaçam às mais altas normas sociais e ambientais.**
- e. Garantir acesso universal à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável (Carta da Terra, 2000, p. 3) [grifos nossos].

Destacamos os trechos anteriores, porque compreendemos que sejam importantes para entender o quanto tais enunciações não são novidades ao tratar do contexto ambiental e também, não eram novidades em 2000, quando a carta foi divulgada. Entretanto, há uma atualidade nesses dizeres. Eles pertencem a esse tempo em que vivemos e são ditos que têm muito fôlego nas falas dos ambientalistas, na mídia, na escola e nas leis. Tais ditos ativam constantemente o dispositivo da EA de diferentes modos. A Carta da Terra ou Carta dos Povos é um dos elementos que tornam o dispositivo potente no século XXI, pois é preciso “mudar os modos de vida”! É necessário adotar uma “vida sustentável”! Torna-se imprescindível guiar a “conduta dos indivíduos”! É urgente “reduzir, reciclar, reutilizar, consumir”! É a atualização constante do dispositivo que se faz urgente e emergente na atualidade!

Considerações Finais

Nosso propósito aqui foi buscar pistas que nos permitissem entender algumas condições de possibilidade para a emergência do dispositivo da Educação Ambiental e tentar compreender em que residia a urgência histórica desse dispositivo. Procuramos escapar de uma história tradicional, buscando, nos interstícios históricos, de que modo foi possível o aparecimento da EA, pois, segundo Foucault

[...] a emergência designa um lugar de afrontamento; é preciso ainda se impedir de imaginá-la como um campo fechado onde se desencadearia uma luta, um plano onde os adversários estariam em igualdade; é de preferência – o exemplo dos bons e dos malvados o prova – um “não-lugar”, uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao mesmo espaço. Ninguém é portanto responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício (1990, p. 24) [grifos do autor].

Nessa correnteza, as análises realizadas até aqui não dizem respeito a um ou outro acontecimento; ou um ou outro autor; mas, sim, estão relacionadas a acontecimentos históricos que vem nos produzindo enquanto sujeitos contemporâneos, marcados pelas tramas de diferentes dispositivos. Esses acontecimentos nos constituem, nos subjetivam e condicionam nossos modos de ser, de viver e de experimentar o presente. O que aqui colocamos sob análise é a fabricação do dispositivo da EA, na busca pela formação de um tipo de sujeito: o *ecologicamente correto*, o verde (GUIMARÃES, 2012); o ecológico (CARVALHO, 2008); enfim, o sujeito dedicado às questões emergentes do campo ambiental.

Referências:

- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS e Hubert; DELEUZE, Gilles et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- _____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005a.
- _____. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega, 2005b.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. *Microfísica do Poder*. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002^a
- _____. A Ética do Cuidado de si como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V – Ética, Sexualidade e Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c.
- GERZSON, Vera Regina. Aprendendo a ter sucesso: a educação para o neoliberalismo nas revistas informativas semanais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo*. São Paulo: Edusp, 2003.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Pesquisas em EA: olhares atentos à cultura.
- WORTMANN, M.L.; DOS SANTOS, L.H.S.; RIPOLL, D.; SOUZA, N.G.S. e KINDEL, E.A.I. (org.). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência: a produção*

cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia – instância se práticas contemporâneas. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007. p. 237-246.

_____. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos “verdes”. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. Canoas: Ulbra, 2012.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.